

---

## O nordestino entre a reflexão existencial de “Vidas Secas” e a tipificação em “O Quinze”<sup>1</sup>

Amanda Pinto FRANCO<sup>2</sup>  
Universidade do Estado da Bahia, BA

### RESUMO

Este artigo faz uma análise comparativa entre as identidades dos nordestinos construídas nos livros *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *O Quinze* de Rachel de Queiroz. Ambos tiveram destaque no regionalismo de 30, ao ressaltar a temática da seca e o drama dos retirantes. Entre os autores que para o desenvolvimento da análise estão Bosi (1994), Coutinho (2004) e Moisés (1989), com um histórico da literatura no país, Albuquerque Jr. (1999), que fez um panorama sobre Nordeste e suas significações e Bhabha (1998) e Hall (2003) que auxiliaram sobre a discussão acerca de identidade e cultura. Foram utilizadas como metodologia a Pesquisa Bibliográfica, visto que fez-se necessária uma leitura, e o método *quali-quantitativo*. Este trabalho presente avaliar qual a significação do sertanejo dentro da literatura, a fim de valorizá-lo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vidas Secas; O Quinze; Identidade; Nordeste; Literatura.

### O Nordeste reinventado nas obras regionalistas de 1930

O Nordeste é representado na arte como um lugar multifacetado por diversas maneiras. De todas as características impostas a este ambiente, algumas viraram marcas. Geralmente fala-se de um lugar de peculiaridades e uma identidade criada, o que a isso, chama-se de estereótipo.

A literatura é um dos locais em que muito se encontra a descrição deste Nordeste carregado de significados, ora positiva, ora nem tanto. Muito presente no regionalismo na segunda geração moderna, o nordestino assume identidades distintas que vai desde um homem ‘bruto’ em seu jeito de falar, de se vestir e de lidar com determinadas situações, reforçado principalmente pela característica da falta de estudo, até o sujeito reflexivo apesar de toda a miséria que o cerca.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA), e-mail: [amandapintofranco@gmail.com](mailto:amandapintofranco@gmail.com)

O regionalismo nas obras literárias apareceu no século XIX, ainda nas décadas de 1850 e 1860. Desta maneira, as produções eram conhecidas como o “paisagismo histórico”, em que o país era descrito pela visão genealógica (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 64). Por muitas vezes, o regionalismo foi visto como uma maneira de impor ao leitor um nacionalismo e foi dada à elite, a função de narrador das oligarquias dominantes.

Antônio Candido (*apud* ALBUQUERQUE JR, 2009) afirma que nesta época, o regionalismo, principalmente o retrato feito do Nordeste, era colocado sob a ótica da submissão de modo:

Artificial, pretensioso, criando um sentimento subalterno e fácil de condescendência em relação ao próprio país, encarando com olhos europeus nossas realidades mais típicas. O homem do campo era visto como pitoresco, sentimental, jocoso. (ANTÔNIO CANDIDO *apud* ALBUQUERQUE JR, 2009, p.65)

A literatura de 1930 diferencia-se das características modernistas obtidas na Semana de 1922 pelo enfoque social. Com as crises socioeconômicas enfrentadas nesta época, escritores reproduziram as tensões em uma ‘literatura madura’, segundo Alfredo Bosi (1994). A prosa, por exemplo, absorveu indícios orais, como descreve Bosi:

A prosa de ficção encaminhada para o “realismo bruto” de Jorge Amado, de José Lins do Rêgo, de Érico Veríssimo e, em parte, de Graciliano Ramos beneficiou-se amplamente da “descida” à linguagem oral, aos brasileirismos e regionalismos léxicos e sintáticos que a prosa modernista tinha preparado. (BOSI, 1994, p.385)

No início do século XX, a o Nordeste passava por uma das principais secas da região. Aproveitando-se disso, escritores da época resolveram mostrar o Brasil a partir do seu meio social, ou seja, de onde partiram. Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, por exemplo, se utilizaram do ambiente Nordeste para suas obras.

A interpretação das expressões da época de 1930 era uma maneira de legitimar o que se entendia por Brasil. O objetivo era mostrar uma identidade pouco conhecida em todo o país e que não era priorizada nos relatos literários. Para se apropriar do lugar objeto, os autores usavam a linguagem e a descrição, peculiar do homem sertanejo, e seu ambiente. Há ainda uma discussão entre a existência da identidade apresentada nas obras ao que se refere à veracidade ou a recriação do caráter identitário.

Stuart Hall afirma que a formação da identidade pelos parâmetros sociológicos “é a interação entre ‘eu’ e a sociedade” (HALL, 2003, p.05) e este conceito, na maioria das vezes, não é compreendido pelos meios de comunicação. Albuquerque Jr.(1999) acredita que

A identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p.26)

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras (ALBUQUERQUE JR, 1999, p.20). O problema desse discurso é que, em alguns casos, não há reafirmação da realidade.

O estereótipo, estratégia discursiva rígida de (des) qualificação, está diretamente ligado à ‘teoria do discurso colonial’, segundo Bhabha (1998). Neste conceito, o estereótipo expõe sempre o excesso da representação/ideia sobre algo ou alguma coisa. Esta característica está presente na maioria dos romances de 1930, com o auge do regionalismo da segunda geração moderna.

Na segunda geração da literatura moderna, alguns autores caracterizaram suas personagens com uma forma que pode ser vista como uma aproximação da estereotipia. A própria figura do retirante retratado em “O Quinze”, um dos objetos deste estudo, se mostra com características reducionistas. A descrição feita pela autora do retirante está sempre inerente à população nordestina, como se todas estas práticas difundidas socialmente fossem exclusivamente do homem nordestino, que vive em situação de miséria extrema e com a vida desvalorizada. Retirantes vistos como animais, sujeitos a qualquer sorte, inclusive à morte.

Como olhar a estereotipia em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, outro objeto deste estudo? Todos os seus personagens, desde o pai à cachorra Baleia, possuem um modo de retratar o nordestino. Como estes personagens são trabalhados nesta obra? Há uma proximidade do homem descrito como desumano ou um princípio de humanização por parte do autor? É justamente partindo deste princípio que a pesquisa é fundamentada.

---

## Reflexão psicológica: um traço de Graciliano Ramos

Em algumas de suas obras, Graciliano constrói suas personagens com uma característica peculiar: a reflexão psicológica. “São Bernardo”, “Memórias do Cárcere”, “Infância”, “Angústia” e “Vidas Secas” têm este aspecto em comum. O que provoca no leitor uma significação sobre o que está sendo discutido. Cada obra aborda uma temática distinta, mas que se alinham justamente no traço do autor de interiorização das personagens que servem para compreender seus dramas ( BOSI, 1994).

A reflexão psicológica é engrenada pelo monólogo interior que faz com que a situação abordada seja refletida diversas vezes, descrita e questionada pelo personagem. “Vidas Secas” é uma reflexão diferente, pois envolve personagens humanos zoomorfizados e animais que se aproximam da humanização. A cadela Baleia que, apesar de ser um animal, reflete sutilmente sobre o flagelo da seca pelo qual passa toda a família. O aprofundamento psicológico do animal se distancia dos outros membros. Sobre o animal-humano, Moisés (1989, p. 220) escreve:

A cachorra Baleia acompanha os retirantes como um ser humano, cheia de afetividade e inteligência, protagonizando um capítulo que tem sido destacado (inclusive publicado pelo autor) como uma história independente, um conto

Em “Vidas Secas”, Baleia ganha destaque por apresentar reflexões psicológicas acerca dos acontecimentos. Coutinho (2004, p.405) destaca que “Baleia, no mesmo nível dos humanos, também tem seus sonhos”, e nestes pensamentos é que são construídas a profundidade sobre a relação com a família de retirantes, que ora lhe dá carinho, ora a afugenta como a um bicho. Baleia, portanto, deixa de ser aquela que age por extinto e passa a idealizar e esquematizar situações para ajudar a sua família.

O silêncio da família formada por Fabiano, Sinhá Vitória, os dois meninos (o mais velho e o mais novo) e a cadela baleia é um dos trunfos usados pelo escritor para aprofundar no *psiquê* das personagens, deixando que a história seja narrada pelo ponto de vista deles. Graciliano destaca no decorrer da obra que a família quase não fala entre eles, a comunicação entre eles acontece por grunhidos. Bosi (1994) descreve o enredo e explica que a obra:

---

*Vidas Secas* abre ao leitor o universo mental esgarçado e pobre de um homem, uma mulher, seus filhos e uma cachorra tangidos pela seca e pela opressão dos que podem mandar: o “dono”, o “soldado amarelo”... O narrador que, na aparência gramatical do romance em 3ª pessoa, sumiu por trás das criaturas, na verdade apenas deslocou o “fatum” do *eu* para a natureza e para o latifúndio, segunda natureza do Agreste. É o que havia de unitário nas obras anteriores, apoiadas no eixo de um protagonista, dispersa-se nesta em farrapos de idéias, no titubear das frases, nos “casulos de vida que são os diversos capítulos”, enfim, na desagregação a que o meio arrasta os destinos inúteis de Fabiano, Sinhá Vitória, Baleia... (BOSI, 1994, P. 403-404)

A obra “*Vidas Secas*” é uma referência ao se falar em Nordeste na literatura e, por isso, merece uma discussão com destaque para sua abordagem sobre a temática. Graciliano revela problemáticas sociais tratados de um modo distinto, pela reflexão psicológica das personagens.

Cada personagem possui um ideal, que norteia sua construção da realidade, junto à linguagem limitada entre eles. Coutinho (2004) explica o pensamento de Sinhá Vitória em relação à sua cama de couro, destacando que “tudo para ela termina ali, até seu pensamento mágico a ajuda a construir uma esperança” (p.405). A mãe dos meninos, e esposa de Fabiano, tinha desgosto da vida pelas dificuldades recorrentes. Estas que impossibilitavam a mulher e a sua família de terem o mínimo de conforto. Sinhá Vitória, portanto, ligava todos os seus problemas e qualquer ação, por mais desconexa, ao fato de não ter a cama de couro. Como acontece no capítulo que leva o seu nome, Graciliano destaca que “por uma extravagante associação”, Sinhá Vitória relaciona o ato de cuspir com a lembrança da cama.

Já o menino mais novo cria no pai sua referência e, diante disso, narra todos os acontecimentos baseados na figura paterna. A criança, apesar do medo, via no pai um porto seguro: alguém que poderia confiar e espelhar-se. E naquela situação, Fabiano talvez fosse a única esperança que o filho mais novo poderia admirar, visto que não conhecia outra realidade. Este é um dos pontos evidenciados na obra. Graciliano, como esclarece Bosi (1994.p. 402), não tem um realismo orgânico, mas crítico, e por isso, “encontra no tato analítico dessa máscara a melhor fórmula de fixar as tensões sociais como primeiro motor de todos os comportamentos”.

O menino mais velho tem o seu ponto de tensão na linguagem e, com isso, a tensão psicológica está voltada para a inferiorização do sertanejo. Bosi (1994, p.401- 402)

---

destaca que “Graciliano via em cada personagem a face angulosa da opressão e da dor”. Já Coutinho (2004, p.406) ressalta que o Menino mais velho tem um tipo de “iniciação no mundo da linguagem”. O que o faz imitar “os berros dos animais, o barulho do vento, o som dos galhos que rangiam na caatinga, roçando-se”. O menino mais velho interiorizava sons que o auxiliavam a fugir do que lhe afligia. O que provocava uma densidade psicológica no seu modo de ser.

Fabiano é o personagem de “Vidas Secas” que bem reflete a figura do oprimido retratado por Graciliano Ramos. Ele é o submisso socialmente e isso é notado em sua postura, em sua linguagem e seu relacionamento interpessoal. A obra, de acordo com Bosi (1994, p.402), possui uma “linguagem díspar com momentos diversos que só terão em comum o dissídio entre a consciência do homem e o labirinto de coisas e fatos em que se perdeu”. Fabiano interioriza as humilhações que sofre, junto à falta de dignidade, mas só consegue reagir dentro de si e, assim como os demais da família, vive uma luta interna com seus pensamentos. O que vai norteando a história.

“Vidas Secas” é uma das obras referência, ao se falar em Nordeste na literatura e, por isso, merece uma discussão com destaque para sua abordagem sobre a temática. Graciliano revela problemáticas sociais tratados de um modo distinto, pela reflexão psicológica das personagens. Isso provoca no leitor uma compreensão mais ampla sobre a realidade das famílias de retirantes, principalmente no período em que o autor presenciou a realidade do país, a década em que o livro foi escrito, em 1930.

### **Trajetória da obra de Raquel de Queiroz**

A cearense Rachel de Queiroz tornou-se amplamente conhecida aos 20 anos com a obra, também objeto de estudo desta pesquisa, “O Quinze”. O livro narra a história da seca de 1915 no estado nordestino do Ceará e de famílias retirantes que saem do interior para tentar um lugar distante da miséria. A história relata ainda o amor entre a professora Conceição e o vaqueiro Vicente, além de realçar a diferença entre os dois. A obra faz parte da realidade que a própria autora passou, quando saiu do Ceará com destino ao Rio de Janeiro em 1917, após o fenômeno climático. Rachel construiu uma trama muito semelhante ao que já tinha presenciado.

O cenário é sempre o mesmo: gado morrendo, pessoas tentando sobreviver, muita tristeza e ambiente acinzentado, uma reflexão do imaginário tão próximo de Rachel. Foi partindo desta obra que Rachel de Queiroz passou a ser reconhecida, pelo grande sucesso de seu primeiro livro e entrou para o hall dos grandes autores do Regionalismo de 1930. Em “O Quinze”, Rachel de Queiroz recria um espaço árido, projetado nas características das pessoas que compõem a trama. Estas peculiaridades são do Naturalismo, em que o indivíduo é determinado pelo ambiente, dentro da obra moderna. Moisés (1989) destaca que no livro há:

Nenhum derramamento, nenhum gesto desganhado, tudo flui sem sobressaltos artificiais ou exageros, num andamento tanto mais notável quanto mais sabemos que o flagelo das secas encorajava, como se o calor abrasante desencadeasse febres imaginativas, as expansões patéticas e os lances sentimentais. E se um toque de lirismo pervaga os episódios reiteradas vezes lembrados pela ficção é para enfatizar o senso e proporção e de realidade que norteava a prosadora. (MOISÉS, 1989, p. 180-181)

Massaud Moisés aponta que “O Quinze” tem o seu foco na ambientação e Rachel de Queiroz monta sua prosa com uma linguagem simples, “sem exageros”. Moisés (1989, p.181) ainda destaca que a construção do livro, em toda sua estilística, apresenta simplesmente a “seca como fenômeno meteorológico e sua implicação no meio ambiente sugere-lhe descrições sem falsos adornos, como a de refletir a paisagem despida de verde e esturricada pelo sol inclemente”. Com esta afirmativa, talvez, o teórico esteja a fazer uma crítica ao oposto do tratamento dado ao sertanejo e ao Nordeste brasileiro, assim como se percebe em Graciliano Ramos. E, para isso, encerra seu posicionamento esclarecendo que existe “nenhuma nota a mais, nenhum sentimentalismo, nenhuma demagogia”.

A seca em “O Quinze” é um fator preponderante e acaba por guiar a vida das pessoas. Além de ser o carro-chefe das obras produzidas pelos regionalistas da década de 1930, foi a base para que os autores resgatassem o Realismo/Naturalismo ao descrever as situações cotidianas. Moreth (2014, p.45) explica que este movimento “procurou esmiuçar/descrever, cientificamente, com laivos positivistas, as causas e razões do estado de coisas da nossa sociedade”.

O que Rachel de Queiroz buscou com “O Quinze” foi fazer uma denúncia, mas de uma forma descritiva, mais voltada para a “fotografia crua” da realidade, mas não enfatizou,



---

por exemplo, os fatores que implicavam na seca, reduzindo-se apenas a narrar um fato. Este é um dos pontos que mais diverge da obra de Graciliano Ramos, outro autor regionalista que encontrou na seca uma forma de denunciar a situação dos nordestinos e que também será analisada neste trabalho.

Enquanto Graciliano Ramos procurava compreender a situação dos nordestinos, Rachel de Queiroz montava seu enredo nos dramas encontrados nesta região, em uma construção peculiar não desdobrativa. “O Quinze”, assim como outras obras regionalistas da segunda geração moderna, tinha o objetivo de denunciar a problemática social dos nordestinos e a falta de políticas públicas para esta parte do país, em que o ciclo da seca afeta mais que em outras regiões do Brasil.

Mesmo trazendo a temática para o centro das produções da época, percebe-se que ainda se repetiu a associação do determinismo climático em relação à posição social dos nordestinos: sempre abordados com miséria e com imensa necessidade de retirar-se de seu lugar em busca de sobrevivência: os retirantes.

Em “O Quinze”, Rachel trabalha com a idealização da sociedade nordestina e Albuquerque Jr (2009, p. 161) destaca que, neste contexto, a seca “aparece como uma fatalidade que desorganiza toda a rotina da sociedade sertaneja, que leva ao dilaceramento das relações tradicionais e de poder, bem como dos códigos sociais e morais”. O clima árido, portanto, é o grande influenciador do cotidiano das pessoas e acaba por ser o formador de atitudes tomadas com estranhamento, por serem consideradas rudes.

### **De Graciliano a Rachel: entre convergências e divergências**

Apesar de, ambos, abordarem uma denúncia social de falta de investimentos e de políticas públicas para esta localidade do Brasil, tanto Rachel quanto Graciliano possuíam características que, ora o aproximavam, ora os repeliam em relação à maneira que abordavam as necessidades de um povo.

Para a realidade do início do século 20, era quase impossível escrever sobre o Nordeste e não colocar como pano de fundo os retirantes, que constantemente integravam o cenário das histórias. Estes sertanejos que precisavam fugir de seu lugar em busca de



---

sobrevivência movem as duas obras: “Vidas Secas”, de Ramos, e “o Quinze”, de Queiroz. Na primeira a construção dos retirantes é feita psicologicamente, ou seja, Graciliano cria um universo particular de cada uma das personagens da família de Fabiano. Eles constroem a história sob o pensamento de cada um e entrelaçam-se até mesmo da reflexão psicológica.

Já na segunda obra, os retirantes são descritos, ou melhor, tipificados. Distante de fazer uma reflexão psicológica, Rachel procura simplesmente apresentar características destes sertanejos. Nisso, ela acaba por construir uma identidade estereotipada tanto do Sertão quanto dos sertanejos. Estes adotam posturas que causam repulsa ao leitor, o que contribui para a imagem de Sertão ainda arraigada em boa parte da população contemporânea de que o Nordeste é marcado por atrasos sociais, culturais e tem, em sua maioria, pessoas na extrema miséria.

Outro aspecto entre os dois autores regionalistas de 30, que deve ser comparado é quanto à linguagem ao referir-se aos nordestinos. Graciliano descreveu uma pobreza extrema em “Vidas Secas”, o que produzia uma sensação de reflexão sobre aquela sociedade excluída de políticas sociais. Enquanto Rachel de Queiroz usava de termos em que a construção do nordestino era carregada de significados pejorativos.

Um terceiro aspecto que precisa ser notado entre “Vidas Secas” e “O Quinze” é sobre a visão zoomorfizada das pessoas. Em ambas as obras, os sertanejos possuíam características próprias de animais. Ao ler o livro de Graciliano é possível que o leitor compreenda esta aproximação do homem com o bicho por uma série de fatores que possam ter contribuído, como a falta de educação oferecida ou mesmo a violência do silêncio passada de pai para filho, o que acaba por aproximar as pessoas dos animais e torná-las, enfim, com a sensação de superioridade.

Já em “O Quinze” essa zoomorfização é compreendida como inerente ao retirante. É um comportamento proveniente deste tipo de pessoas. Os retirantes são aproximados dos animais quando a autora refere-se à sujeira e às condições da pele e do cabelo após dias circulando pela terra árida e pelo sol escaldante. Da mesma forma quando os sertanejos em fuga encontram animais mortos e utilizam-nos como alimento para saciar a fome. Rachel é detalhista ao descrever estas cenas que tornam o homem sertanejo retirante um

---

bicho asqueroso, como no trecho em que Chico Bento encontra os retirantes comendo carniça.

Característico de uma narrativa, a ambientação também é um fator presente nas duas obras, mas, ainda assim, abordadas de formas distintas. A seca é o principal fator que move as histórias. O fenômeno climático é mostrado em “Vidas Secas” e em “O Quinze” com destaque e, sem ela, as histórias não teriam a mesma notoriedade. Porém, enquanto a seca no livro de Graciliano Ramos amplia a visão sobre a denúncia social referente àquele povo, de tal forma que ressalta as necessidades da família e põe em evidência o fenômeno no próprio nome do livro, não como uma simples referência ao clima, mas pela condição de seca interior das vidas ali presentes, Rachel de Queiroz torna-a um fator do determinismo.

### **Considerações Finais**

Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz possuem aspectos de escrita de suas obras que os aproximam, mas também que os distanciam, entre eles a temática semelhante, mas a abordagem que torna os dois regionalistas de 30 tão diferentes. A análise proposta neste artigo não pretendeu dar destaque a um dos dois, mas evidenciar que, mesmo fazendo uma denúncia social sobre a situação do Sertão dentro de um mesmo período histórico, eles apresentam visões distantes.

O Sertão para Graciliano é seco, mas pode ser considerado mais “poético” em relação ao de Rachel, que o coloca como causador dos problemas dos moradores da terra árida. O que se percebeu foi um tratamento diversificado sobre o sertanejo, que ora poderia ser sentido através de uma postura sofrida, mas forte principalmente pela composição psicológica, ora miserável e vitimizado pelo fator climático.

Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz foram dois dos autores que contribuíram para esta identidade. Nas obras “Vidas Secas” e “O Quinze”, eles conseguiram ampliar o universo imaginário da região a partir de cada personagem e de cada palavra. A construção das histórias foi determinante para que o leitor compreendesse o sertanejo no seu eu, ou apenas o olhasse em suas relações interpessoais. Com isso, o que deve ser notado é que a identidade do sertanejo se constrói aos poucos e a literatura contribui de

---

forma imensurável, o que dá destaque à proposta de observar estes detalhes nas obras tão importantes para a região.

### Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo, Cortez, 1999

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BHABHA, Homi K.. **O local da cultura**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 1998

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Global Editora, São Paulo, 7ªEd., 2004

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 8ª Ed., Rio de Janeiro, DP&A editora, 2003

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo, Cultrix, 1989

MORETH, Darville Lizis Souza. Tragédia no sertão: os retirantes e a seca n'O Quinze, de Rachel de Queiroz. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira), apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2014. 213 fls.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. Edição Integral, 1937. Disponível em [http://ola.coop.br/articles/oceb/0042/9952/o\\_quize\\_obra\\_-\\_rachel\\_de\\_queiroz.pdf](http://ola.coop.br/articles/oceb/0042/9952/o_quize_obra_-_rachel_de_queiroz.pdf)

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 107ª edição. Disponível em <http://www.lettere.uniroma1.it/sites/default/files/528/GRACILIANO-RAMOS-Vidas-secas-livro-completo.pdf>